



Portal Bate-Papo Linguístico

GIL VICENTE

O AUTO DA BARCA
DO



Inferno



Prefácio

É com imensa honra e satisfação que o Portal Bate-Papo Linguístico apresenta a você, leitor, esta edição de uma das mais relevantes obras da literatura portuguesa: "O Auto da Barca do Inferno", de Gil Vicente.

A peça, escrita no século XVI, é uma das mais influentes do teatro ibérico, responsável por lançar luz sobre a sociedade portuguesa de sua época com uma mistura única de humor, sátira e lições morais. Gil Vicente, com sua pena afiada e percepção aguçada, apresenta uma galeria de personagens que, apesar de enraizados em seu contexto histórico, apresentam reflexos de humanidade que ainda hoje ressoam em nossas sociedades.

O "Auto da Barca do Inferno" é mais do que uma peça de teatro - é um espelho em que o leitor pode vislumbrar as virtudes e vícios da humanidade, conduzido pelas mãos de um dos mais perspicazes observadores do comportamento humano na literatura.

O Portal Bate-Papo Linguístico tem orgulho de trazer a você esta obra, repleta de diálogos e situações que continuam relevantes mesmo após cinco séculos de sua criação. Esperamos que, assim como nós, você encontre em "O Auto da Barca do Inferno" um rico universo de reflexões e aprendizados sobre a natureza humana.

Boa leitura!



<https://batepapolinguiastico.com>

MAIO DE 2023

AUTO DA BARCA DO INFERNO

GIL VICENTE

Introdução de Gil Vicente

Auto de moralidade composto por Gil Vicente per contemplação da sereníssima e muito católica rainha dona Lianor, nossa senhora, e representado per seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei dom Manuel, primeiro de Portugal deste nome.

Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se fegura que, no ponto em que acabamos de espirar, chegamos subitamente a um rio, o qual, per força, havemos de passar em um de dous batés que naquele porto estão, *scilicet*, um deles passa pera o Paraíso e o outro pera o Inferno; os quais batés têm, cada um, os seus arrais na proa: o do paraíso um Anjo, e o do inferno um Arrais infernal e um Companheiro.

CENA I

O primeiro intrelocutor é um Fidalgo que chega com um Paje que lhe leva um rabo mui comprido e ãa cadeira d'espaldas.

DIABO

À barca, à barca, houlá!
Que temos gentil maré!
Ora venha o carro à ré!

COMPANHEIRO

Feito, feito!

DIABO

Bem está!

Vai tu muitieramá
Atesa quele palanco
E despeja aquele banco
Pera a gente que virá
À barca, à barca, hu-u!
Asinha, que se quer ir!
Oh, que tempo de partir,
Louvores a Belzebu!
- Ora, sus! que fazes tu?
Despeja todo esse leito!

COMPANHEIRO

Em boa hora! Feito, feito!

DIABO

Abaixa má-hora esse cu!
Faze aquela poja lesta
E alija aquela driça.

COMPANHEIRO

Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!

DIABO

Oh, que caravela esta!
Põe bandeiras, que é festa.
Verga alta! Âncora a pique!
Ó poderoso dom Anrique,
Cá vindes vós? Que cousa é esta?

CENA II

Vem o Fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

FIDALGO

Esta barca onde vai ora,
Que assi está apercebida?

DIABO

Vai pera a ilha perdida,
E há-de partir logo ess'ora.

FIDALGO

Pera lá vai a senhora?

DIABO

Senhor, a vosso serviço

FIDALGO

Parece-me isso cortiço...

DIABO

Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO

Porém, a que terra passais?

DIABO

Pera o inferno, senhor.

FIDALGO

Terra é bem sem-sabor.

DIABO

Quê?... E também cá zombais?

FIDALGO

E passageiros achais
Pera tal habitação?

DIABO

Vejo-vos eu em feição,
Pera ir no nosso cais...

FIDALGO

Parece-te a ti assi!...

DIABO

Em que esperas ter guarida?

FIDALGO

Que leixo na outra vida,
Quem reze sempre por mi.

DIABO

Quem reze sempre por ti?!...
Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...
Tu que viviste a teu prazer,
Cuidando cá guarecer
Por que rezam lá por ti?!...
Embarca - ou embarcai...
Que haveis de ir à derradeira!
Mandai meter a cadeira,
Que assi passou vosso pai.

FIDALGO

Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?!

DIABO

Vai ou vem! Embarcai prestes!
Segundo lá escolhestes,
Assi cá vos contentai.
Pois que já a morte passastes,
Haveis de passar o rio.

FIDALGO

Não há aqui outro navio?

DIABO

Não, senhor, que este fretastes,
E primeiro que expirastes
Me destes logo sinal.

FIDALGO

E que sinal foi esse tal?

DIABO

De que vós vos contentastes.

FIDALGO

A estoutra barca me vou.
Hou da barca! Para onde is?
Ah, barqueiros! Não me ouvis?
Respondei-me! Houlá! Hou!...
(Pardeus, aviado estou!
Cant'a isto é já pior...)
Oue jericocins, salvarnor!
Cuidam cá que são eu grou?

ANJO

Que quereis?

FIDALGO

Que me digais,
pois parti tão sem aviso,
se a barca do Paraíso
é esta em que navegais.

ANJO

Esta é. Que demandais?

FIDALGO

Que me leixeis embarcar.
Sou fidalgo de solar,
É bem que me recolhais.

ANJO

Não se embarca tirania,
Neste batel divinal.

FIDALGO

Não sei porque haveis por mal.
Que entre a minha senhoria...

ANJO

Pera a vossa fantasia
Mui estreita é esta barca.

FIDALGO

Pera senhor de tal marca,
Nom há aqui mais cortesia?
Venha a prancha e atavio!
Levai-me desta ribeira!

ANJO

Não vindes vós de maneira
Pera entrar neste navio.
Essoutro vai mais vazio:
A cadeira entrará
E o rabo caberá
E todo vosso senhorio.
Ireis lá mais espaçoso,
Vós e vossa senhoria,
Cuidando na tirania
Do pobre povo queixoso.
E porque, de generoso,
Desprezastes os pequenos,
Achar-vos-eis tanto menos
Quanto mais fostes fumoso.

DIABO

À barca, à barca, senhores!
Oh! que maré tão de prata!
Um ventozinho que mata
E valentes remadores!

Diz cantando:

– Vós me veniredes a la mano,
a la mano me veniredes.

FIDALGO

Ao Inferno, todavia!

Inferno há i pera mi?
Oh triste! Enquanto vivi
não cuidei que o i havia:
Tive que era fantasia!
Folgava ser adorado,
Confiei em meu estado
E não vi que me perdia.
Venha essa prancha! Veremos
Esta barca de tristura.

DIABO

Embarque vossa doçura,
Que cá nos entenderemos...
Tomarês um par de remos,
Veremos como remais,
E, chegando ao nosso cais,
Todos bem vos serviremos.

FIDALGO

Esperar-me-ês vós aqui,
Tornarei à outra vida
Ver minha dama querida
Que se quer matar por mi.

DIABO

Que se quer matar por ti?!...

FIDALGO

Isso bem certo o sei eu.

DIABO

Ó namorado sandeu,
O maior que nunca vi!...

FIDALGO

Como pod'rá isso ser,
Que m'escrevia mil dias?

DIABO

Quantas mentiras que lias!
E tu... morto de prazer!...

FIDALGO

Pera que é escarnecer,
Quem nom havia mais no bem?

DIABO

Assi vivas tu, amém,
Como te tinha querer!

FIDALGO

Isso quanto ao que eu conheço...

DIABO

Pois estando expirando,
Se estava ela requebrando
Com outro de menos preço.

FIDALGO

Dá-me licença, te peço,
Que vá ver minha mulher.

DIABO

E ela, por não te ver,
Despenhar-se-á dum cabeçaço!

Quanto ela hoje rezou,
Antre seus gritos e gritas,
Foi dar graças infinitas
A quem a desassombrou.

FIDALGO

Cant'a ela, bem chorou!

DIABO

Nom há i choro de alegria?...

FIDALGO

E as lástimas que dezia?

DIABO

A sua mãe lhas ensinou...

Entraí, meu senhor, entraí:
Aqui está a prancha! Ponde o pé...

FIDALGO

Entremos, pois que assi é.

DIABO

Ora, senhor, descansai,
passeai e suspirai.
Em tanto, virá mais gente.

FIDALGO

Ó barca, como és ardente!
Ó Maldito quem em ti vai!

Diz o Diabo ao Moço da cadeira:

DIABO

Nom entras cá! Vai-te d'i!
A cadeira é cá sobeja;
Cousa que esteve na igreja
Nom se há-de embarcar aqui.
Cá lha darão de marfi,
Marchetada de dolores,
Com tais modos de lavoires,
Que estará fora de si...
À barca, à barca, boa gente,
Que queremos dar à vela!
Chegar ela! Chegar ela!
Muitos e de boamente!
Oh! que barca tão valente!

CENA III

Vem um Onzeneiro e pergunta ao Arrais do Inferno, dizendo:

ONZENEIRO

Pera onde caminhais?

DIABO

Oh! Que má hora chegais,
Onzeneiro, meu parente!
Como tardastes vós tanto?

ONZENEIRO

Mais quisera eu lá tardar...
Na safra do apanhar
Me deu Saturno quebranto.

DIABO

Ora mui muito m'espanto
Nom vos livrar o dinheiro!...

ONZENEIRO

Solamente para o barqueiro
Nom me leixaram nem tanto...

DIABO

Ora entrai, entrai aqui!

ONZENEIRO

Não hei eu i d'embarcar!

DIABO

Oh! Que gentil recear,
E que cousas pera mi!...

ONZENEIRO

Ainda agora faleci!
Leixa-me buscar batel!

DIABO

Pesar de São Pimentel!
Porque não irás aqui?...

ONZENEIRO

E pera onde é a viagem?

DIABO

Pera onde tu hás-de ir.

ONZENEIRO

Havemos logo de partir?

DIABO

Não cures de mais linguagem.

ONZENEIRO

Mas pera onde é a passagem?

DIABO

Pera a infernal comarca.

ONZENEIRO

Dix! Nom vou eu tal barca.
Estoutra tem vantagem

Vai-se à barca do Anjo, e diz:

ONZENEIRO

Hou da barca! Houlá! Hou!
Haveis logo de partir?

ANJO

E onde queres tu ir?

ONZENEIRO

Eu, pera o Paraíso vou.

ANJO

Pois cant'eu mui fora estou
De te levar para lá.
Essoutra te levará;
Vai pera quem te enganou!

ONZENEIRO

Porquê?

ANJO

Porque esse bolsão
Tomará todo o navio.

ONZENEIRO

Juro a Deus que vai vazio!

ANJO

Não já no teu coração.

ONZENEIRO

Lá me fica de roldão
A minha fazenda e alhea

ANJO

Ó onzena, como és fea
E filha da maldição!

Torna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz:

ONZENEIRO

Houlá! Hou! Demo barqueiro!
Sabês vós no que me fundo?
Quero lá tornar ao mundo
E trazer o meu dinheiro.
Que aqueloutro marinheiro,
Porque me vê vir sem nada,
Dá-me tanta borregada

Como arrais lá do Barreiro.

DIABO

Entra, entra! E remarás!
Não percamos mais a maré!

ONZENEIRO

Todavia...

DIABO

Per força é!
Que te pês, cá entrarás!
Irás servir Satanás,
Pois que sempre te ajudou

ONZENEIRO

Oh triste, quem me cegou?

DIABO

Cal'-te, que cá chorarás.

*Ao entrar o Onzeneiro no batel, onde achou o Fidalgo embarcado,
diz tirando o barrete:*

ONZENEIRO

Santa Joana de Valdês!
Cá é vossa senhoria?

FIDALGO

Dá ò demo a cortesia!

DIABO

Ouvis? Falai vós cortês!
Vós, fidalgo, cuidareis
Que estais na vossa pousada?
Dar-vos-ei tanta pancada

Com um remo que renegueis!
Como a um remo que renegueis!

CENA IV

Vem Joane, o Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:

PARVO

Hou daquesta!

DIABO

Quem é?

PARVO

Eu sô.
É esta a naviarra nossa?

DIABO

De quem?

PARVO

Dos tolos.

DIABO

Vossa. Entra!

PARVO

De pulo ou de voo?
Hou! Pesar de meu avô!
Soma, vim adoecer
E fui má-hora morrer,
E nela, pera mi só.

DIABO

De que morreste?

PARVO

De quê?
Samicas de caganeira.

DIABO

De quê!?

PARVO

De caga merdeira!
Má rabugem que te dê!

DIABO

Entra! Põe aqui o pé!

PARVO

Houlá! Nom tombe o zambuco!

DIABO

Entra, tolaço eunuco,
Que nos vai embora a maré!

PARVO

Aguardai, aguardai um pouco!
E onde havemos nós d'ir ter?

DIABO

Ao porto de Lucifer.

PARVO

Ha-á-a...

DIABO

Ó Inferno! Entra cá!

PARVO

Ó Inferno?... Eramá....
Hiu! Hiu! Barca do cornudo.
Pêro Vinagre, beißudo,
Rachador d'Alverca, huhá!
Sapateiro da Candosa!

Antrecosto de carrapato!
Hiu! Hiu! Caga no sapato,
Filho da grande aleivosa!
Tua mulher é tinhosa
E há-de parir um sapo
Chantado no guardanapo!
Neto de cagarrinhosa!
Furta cebolas! Hiu! Hiu!
Excomungado nas erguejas!
Burrela, cornudo sejas!
Toma o pão que te caiu!
A mulher que te fugiu
Per'a Ilha da Madeira!
Cornudo até mangueira,
Toma o pão que te caiu!
Hiu! Hiu! Lanço-te ùa pulha!
Dê-dê! Pica nàquela!
Hump! Hump! Caga na vela!
Hio, cabeça de grulha!
Perna de cigarra velha,
Caganita de coelha,
Pelourinho da Pampulha!
Mija n'agulha, mija n'agulha!

Chega o Parvo ao batel do Anjo diz:

PARVO

Hou da barca!

ANJO

Que me queres?

PARVO

Queres-me passar além?

ANJO

Quem és tu?

PARVO

Samica alguém.

ANJO

Tu passarás, se quiseres;
Porque em todos teus fazeres
Per malícia não erraste.
Tua simpreza t'abaste,
Pera gozar dos prazeres.
Espera entanto per i,
Veremos se vem alguém,
Merecedor de tal bem,
Que deva de entrar aqui.

CENA V

Vem um Sapateiro com o seu avental e carregado de formas, e chega ao batel infernal, e diz:

SAPATEIRO

Hou da barca!

DIABO

Quem vem i?
Santo sapateiro honrado,
Como vens tão carregado!...

SAPATEIRO

Mandaram-me vir assi...
E pera onde é a viagem?

DIABO

Pera o lago dos danados.

SAPATEIRO

Os que morrem confessados,
Onde têm sua passagem?

DIABO

Nom cures de mais linguagem!
Esta é a tua barca, esta!

SAPATEIRO

Renegaria eu da festa,
E da puta da barcagem!
Como poderá isso ser,
Confessado e comungado?!...

DIABO

Tu morreste excomungado:
Nom o quiseste dizer.
Esperavas de viver,
Calaste dous mil enganoses...
Tu roubaste bem trint'anos
O povo com teu mester.
Embarca, eramá pera ti,
Que há já muito que t'espero!

SAPATEIRO

Pois digo-te que nom quero!

DIABO

Que te pês, hás-de ir, si, si!

SAPATEIRO

Quantas missas eu ouvi...
Nom me hão elas de prestar?

DIABO

Ouvir missa, então roubar...
É caminho per'aqui.

SAPATEIRO

E as ofertas que darão?
E as horas dos finados?

DIABO

E os dinheiros mal levados,
Que foi da satisfação?

SAPATEIRO

Ah! Nom praza ò cordovão,
Nem à puta da badana,
Se é esta boa traquitana
Em que se vê São Antão!

Ora juro a Deus que mete graça!

Vai-se à barca do Anjo, e diz:

Hou da santa caravela,
Poderês levar-me nela?

ANJO

A cárrega t'embaraça.

SAPATEIRO

Nom há mercê que me Deus faça?
Isto uxiquer irá.

ANJO

Essa barca que lá está
Leva quem rouba de praça.
Oh, almas embaraçadas!

SAPATEIRO

Ora eu me maravilho,
Haverdes por grão peguilho
Quatro forminhas cagadas
Que podem bem ir i chantadas
Num cantinho desse leito!

ANJO

Se tu viveras dereito,
Elas foram cá escusadas

SAPATEIRO

Assi que determinais
Que vá cozer ò Inferno?

ANJO

Escrito estás no caderno
De ementas infernais.

Torna-se à barca dos danados, e diz:

SAPATEIRO

Hou barqueiros! Que aguardais?
Vamos, venha a prancha logo
E levai-me àquele fogo!
Não nos detenhamos mais!

CENA VI

Vem um Frade com ùa Moça pela mão, e um broquel e ùa espada na outra, e um casco debaixo do capelo; e, ele mesmo fazendo a baixa, começou de dançar, dizendo:

FRADE

Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã;
ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã:
tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huhá!

DIABO

Que é isso, padre?! Quem vai lá?

FRADE

Deo gratias! Som cortesão.

DIABO

Sabês também o tordião?

FRADE

Porque não! Como ora sei!

DIABO

Pois entrai! Eu tangerei
E faremos um serão.
Essa dama, é vossa?

FRADE

Por minha la tenho eu,
E sempre a tive de meu.

DIABO

Fezestes bem, que é formosa!
Mas não vos punham lá grossa
No vosso convento santo?

FRADE

E eles fazem outro tanto!

DIABO

Que cousa tão preciosa...
Entraí, padre reverendo!

FRADE

Para onde levais gente?

DIABO

Pera aquele fogo ardente,
Que nom temestes vivendo.

FRADE

Juro a Deus que nom t'entendo!
E este hábito no me val?

DIABO

Gentil padre mundanal
A Berzebu vos encomendo!

FRADE

Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesu Cristo,
Que eu nom posso entender isto!
Eu hei-de ser condenado?!...
Um padre tão namorado
E tanto dado à virtude?
Assi Deus me dê saúde,
Que eu estou muito maravilhado!

DIABO

Não curês de mais detenção.
Embarcai e partiremos:
Tomareis um par de ramos.

FRADE

Não ficou isso n'avença.

DIABO

Pois dada está já a sentença!

FRADE

Pardeus! Essa seria ela!
Não vai em tal caravela
A minha senhora Florença.

Como? Por ser namorado,
E folgar com ãa mulher,
Se há de um frade de perder,
Com tanto salmo rezado?!...

DIABO

Ora estás bem aviado!

FRADE

Mais estás bem corregido!

DIABO

Devoto padre marido,
Haveis de ser cá pingado...

Descobriu o Frade a cabeça, tirando o capelo; e apareceu o casco, e diz o Frade:

FRADE

Mantenha Deus esta c'oroa!

DIABO

Ó padre Frei Capacete!
Cuidei que tínheis barrete...

FRADE

Sabê que fui da pessoa!
Esta espada é roloa
E este broquel, rolão

DIABO

Dê Vossa Reverencia lição
D'esgrima, que é cousa boa!

Começou o frade a dar lição d'esgrima com a espada e broquel, que eram d'esgrimir, e diz desta maneira:

FRADE

Deo gratias! Demos caçada!
Pera sempre, contra sus!
Um fendente! Ora sus!
Esta é a primeira levada
Alto! Levantai a espada!
Talho largo, e um revés!
E logo colher os pés,
que todo o al no é nada!

Quando o recolher se tarda
O ferir nom é prudente.
Ora, sus! Mui largamente,
cortai na segunda guarda!
Guarde-me Deus d'espingarda
Mais de homem denodado.
Aqui estou tão bem guardado
como a palhá n'albarda.
Saio com meia espada...
Hou lá! Guardai as queixadas!

DIABO

Oh que valentes levadas!

FRADE

Isto ainda não é nada...
Ainda isto nom é nada...
Demos outra vez caçada!
Contra sus e um fendente,
E, cortando largamente,
Eis aqui sexta feitada.
Daqui saio com ùa guia
E um revés da primeira:
Esta é a quinta verdadeira.
Oh! quantos daqui feria!...
Padre que tal aprendia
Ao Inferno há-de haver pingos?!...
Ah! Nom praza a São Domingos
Com tanta descortesia!

Tornou a tomar a Moça pela mão, dizendo:

Vamos à barca da Glória!

Começou o Frade a fazer o tordião e foram dançando até o batel do Anjo desta maneira:

FRADE

Ta-ra-ra-rai-rã; ta-ri-ri-ri-rã;
rai-rai-rã; ta-ri-ri-rã; ta-ri-ri-rã.
Huhá!
Deo gratias! Há lugar cá
pera minha reverença?
E a senhora Florença
polo meu entrará lá!

PARVO

Andar, muitieramá!
Furtaste esse trinchão, frade?

FRADE

Senhora, dá-me à vontade
Que este feito mal está.
Vamos onde havemos d'ir!
Não praza a Deus coa a ribeira!
Eu não vejo aqui maneira
Senão, enfim, concrudir.

DIABO

Haveis, padre, de vir.

FRADE

Agasalhai-me lá Florença,
E cumpra-se esta sentença.
Ordenemos de partir.

CENA VII

Tanto que o Frade foi embarcado, veio ùa Alcoviteira, per nome Brízida Vaz, a qual chegando à barca infernal, diz desta maneira:

BRÍZIDA

Hou lá da barca, hou lá!

DIABO

Quem chama?

BRÍZIDA

BrízidaVaz.

DIABO

E aguarda-me, rapaz?
Como nom vem ela já?

COMPANHEIRO

Diz que nom há-de vir cá
Sem Joana de Valdês.

DIABO

Entraí vós, e remarês.

BRÍZIDA

Nom quero eu entrar lá.

DIABO

Que sabroso arrecear!

BRÍZIDA

No é essa barca que eu cato.

DIABO

E trazês vós muito fato?

BRÍZIDA

O que me convém levar.

DIABO

Que é o que havês d'embarcar?

BRÍZIDA

Seiscentos virgos postiços
E três arcas de feitiços
Que nom podem mais levar.

Três almários de mentir,
E cinco cofres de enlheos,
E alguns furtos alheos,
Assi em jóias de vestir,
Guarda-roupa d'encobrir,
Enfim - casa movediça;
Um estrado de cortiça
Com dous coxins d'encobrir.
A mor cárrega que é:
Essas moças que vendia.
Daquestra mercadoria
Trago eu muita, à bofé!

DIABO

Ora ponde aqui o pé...

BRÍZIDA

Ui! E vou pera o Paraíso!

DIABO

E quem te dixeu a ti isso?

BRÍZIDA

Lá hei-de ir desta maré.
Eu sô ùa mártela tall!...
Açoutes tenho levados
E tormentos suportados
Que ninguém me foi igual.
Se fosse ò fogo infernal,
Lá iria todo o mundo!
A estoutra barca, cá fundo,
Me vou, que é mais real.

Chegando à Barca da Glória diz ao Anjo

BRÍZIDA

Barqueiro, mano, meus olhos,

Prancha a Brízida Vaz.

ANJO

Eu não sei quem te cá traz...

BRÍZIDA

Peço-vo-lo de gíolhos!
Cuidais que trago piolhos,
Anjo de Deos, minha rosa?
Eu sô aquela preciosa
Que dava as moças a molhos,
A que criava as meninas

Pera os cónegos da Sé...
Passai-me, por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olho de perlinhas finas!
E eu som apostolada,
Angelada e martelada,
E fiz cousas mui divinas.

Santa Úrsula nom converteu
Tantas cachopas como eu:
Todas salvas polo meu
Que nenhüa se perdeu.
E prouve Àquele do Céu
Que todas acharam dono.
Cuidais que dormia eu sono?
Nem ponto se me perdeu!

ANJO

Ora vai lá embarcar,
Não estês importunando.

BRÍZIDA

Pois estou-vos eu contando
O porque me haveis de levar.

ANJO

Não cures de importunar,
Que não podes vir aqui.

BRÍZIDA

E que má-hora eu servi,
Pois não me há-de aproveitar!...

Torna-se Brízida Vaz à Barca do Inferno, dizendo:

Hou barqueiros da má-hora,
Que é da prancha, que eis me vou?
E já há muito que aqui estou,
E pareço mal cá de fora.

DIABO

Ora entrai, minha senhora,
E sereis bem recebida;
Se vivestes santa vida, Vós o sentirês agora...

CENA VIII

Tanto que Brízida Vaz se embarcou, veo um Judeu, com um bode às costas; e, chegando ao batel dos danados, diz:

JUDEU

Que vai cá? Hou marinheiro!

DIABO

Oh! que má-hora vieste!...

JUDEU

Cuj'é esta barca que preste?

DIABO

Esta barca é do barqueiro.

JUDEU

Passai-me por meu dinheiro.

DIABO

E o bode há cá de vir?

JUDEU

Pois também o bode há-de vir.

DIABO

Que escusado passageiro!

JUDEU

Sem bode, como irei lá?

DIABO

Nem eu nom passo cabrões.

JUDEU

Eis aqui quatro tostões
E mais se vos pagará.
Por vida do Semifará
Que me passeis o cabrão!
Querês mais outro tostão?

DIABO

Nem tu nom hás-de vir cá.

JUDEU

Porque nom irá o judeu
Onde vai Brízida Vaz?
Ao senhor meirinho apraz?
Senhor meirinho, irei eu?

DIABO

E o fidalgo, quem lhe deu...

JUDEU

O mando, dizês, do batel?
Corregedor, coronel,
Castigai este sandeu!
Azará, pedra miúda,

Lodo, chanto, fogo, lenha,
Caganeira que te venha!
Má corrença que te acuda!
Par el Deu, que te sacuda
Coa beca nos focinhos!
Fazes burla dos meirinhos?
Dize, filho da cornuda!

PARVO

Furtaste a chiba cabrão?
Parecês-me vós a mim
Gafanhoto d'Almeirim
Chacinado em um seirão.

DIABO

Judeu, lá te passarão,
Porque vão mais despejados.

PARVO

E ele mijou nos finados
N'ergueja de São Gião!

E comia a carne da panela
No dia de Nosso Senhor!
E aperta o salvador,
E mija na caravela!

DIABO

Sus, sus! Demos à vela!
Vós, Judeu, irês à toa,
Que sois mui ruim pessoa.
Levai o cabrão na trela!

CENA IX

Vem um Corregedor, carregado de feitos, e, chegando à barca do Inferno, com sua vara na mão, diz:

CORREGEDOR

Hou da barca!

DIABO

Que quereis?

CORREGEDOR

Está aqui o senhor juiz?

DIABO

Oh amator de perdiz.
Gentil cárrega trazeis!

CORREGEDOR

No meu ar conhecereis
Que nom é ela do meu jeito.

DIABO

Como vai lá o direito?

CORREGEDOR

Nestes feitos o vereis.

DIABO

Ora, pois, entrai. Veremos,
O que diz í nesse papel...

CORREGEDOR

E onde vai o batel?

DIABO

No Inferno vos poeremos.

CORREGEDOR

Como? À terra dos demos,
Há-de ir um corregedor?

DIABO

Santo descorregedor,
Embarcai, e remaremos!

Ora, entrai, pois que viestes!

CORREGEDOR

Non est de regulae juris, não!

DIABO

Ita, Ita! Dai cá a mão!
Remaremos um remo destes.
Fazei conta que nacestes
Pera nosso companheiro.
- Que fazes tu, barzoneiro?
Faze-lhe essa prancha prestes!

CORREGEDOR

Oh! Renego da viagem
E de quem me há-de levar!
Há 'qui meirinho do mar?

DIABO

Não há tal costumagem.

CORREGEDOR

Nom entendo esta barcagem,
Nem *hoc nom potest esse*.

DIABO

Se ora vos parecesse
Que nom sei mais que linguagem...
Entraí, entraí, corregedor.

CORREGEDOR

Hou! Videtis qui petatis –
Super jure magestatis
Tem o vosso mando vigor?

DIABO

Quando éreis ouvidor
Nonne accepistis rapina?
Pois ireis agora pela bolina
Onde a nossa mercê for...

Oh! que isca esse papel
Pera um fogo que eu sei!

CORREGEDOR

Domine, memento mei!

DIABO

Non es tempus, bacharel !
Imbarquemini in batel
Quia Judicastis malitia.

CORREGEDOR

Sempre ego justitia fecit.

DIABO

E as peitas dos judeus
Que a vossa mulher levava?

CORREGEDOR

Isso eu não o tomava
Eram lá percalços seus.
Nom som peccatus meus,
peccavit uxore mea.

DIABO

Et vobis quoque cum ea,
não temuistis Deus.

Largo modo adquiristis
Sanguinis laboratorum
Ignorantis peccatorum.
Ut quid eos non audistis?

CORREGEDOR

Vós, arrais, *nonne legistis*
Que o dar quebra os pinedos?
Os direitos estão quedos,
Sed aliquid tradidistis...

DIABO

Ora entrai, nos negros fados!
Ireis ao lago dos cães
E vereis os escrivães
Como estão tão prosperados.

CORREGEDOR

E na terra dos danados
Estão os Evangelistas?

DIABO

Os mestres das burlas vistas
Estão lá bem fraguados.

CENA X

Estando o Corregedor nesta conversa com o Arrais infernal chegou um Procurador, carregado de livros, e diz o Corregedor ao Procurador:

CORREGEDOR

Ó senhor Procurador!

PROCURADOR

Bejo-vo-las mãos, Juiz!
Que diz esse arrais? Que diz?

DIABO

Que serês bom remador.
Entraí, bacharel doutor,
E ireis dando na bomba.

PROCURADOR

E este barqueiro zomba...
Jogatais de zombador?

Essa gente que aí está
Pera onde a levais?

DIABO

Pera as penas infernais.

PROCURADOR

Dix! Nom vou eu pera lá!
Outro navio está cá,
Muito melhor assombrado.

DIABO

Ora estás bem aviado!
Entra, muitieramá!

CORREGEDOR

Confessastes-vos, doutor?

PROCURADOR

Bacharel som. Dou-me à Demo!
Não cuidei que era extremo,
Nem de morte minha dor.
E vós, senhor Corregedor?

CORREGEDOR

Eu mui bem me confessei,
Mas tudo quanto roubei
Encobri ao confessor...

PROCURADOR

Porque, se o nom tornais,
Não vos querem absolver,
E é mui mau de volver
Depois que o apanhais.

DIABO

Pois porque nom embarcais?

PROCURADOR

Quia speramus in Deo.

DIABO

Imbarquemini in barco meo...

Pera que *esperatis* mais?

Vão-se ambos ao batel da Glória, e, chegando, diz o Corregedor ao Anjo:

CORREGEDOR

Ó arrais dos gloriosos,
Passai-nos neste batel!

ANJO

Oh! pragas pera papel,
Pera as almas odiosos!
Como vindes preciosos,
Sendo filhos da ciência!

CORREGEDOR

Oh! *habeatis* clemência
E passai-nos como vossos!

PARVO

Hou, homens dos breviairos,
Rapinastis coelhorum
Et pernis perdigotorum
E mijais nos campanairos!

CORREGEDOR

Oh! não nos sejas contrairos,
Pois nom temos outra ponte!

PARVO

Belequinis ubi sunt?

Ego latinus macairos.

ANJO

A justiça divinal
Vos manda vir carregados
Porque vades embarcados
Nesse batel infernal.

CORREGEDOR

Oh! nom praza a São Marçal!
Coa ribeira, nem co rio!
Cuidam lá que é desvario
Haver cá tamanho mal!

PROCURADOR

Que ribeira é esta tal!

PARVO

Parecês-me vós a mi
Como cagado nebri,
Mandado no Sardoal.
Embarquetis in zambuquis!

CORREGEDOR

Venha a negra prancha cá!
Vamos ver este segredo.

PROCURADOR

Diz um texto do Degredo...

DIABO

Entraí, que cá se dirá!

E tanto que foram dentro no batel dos condenados, disse o Corregedor a Brízida Vaz, porque a conhecia:

CORREGEDOR

Oh! esteis muitieramá,
Senhora Brízida Vaz!

BRÍZIDA

Já siquer estou em paz,
Que não me leixáveis lá.

Cada hora sentenciada:
«Justiça que manda fazer....»

CORREGEDOR

E vós... tornar a tecer
E urdir outra meada.

BRÍZIDA

Dizede, juiz d'alçada:
Vem lá Pêro de Lixboa?
Levá-lo-emos à toa
E irá nesta barcada.

CENA X

Vem um homem que morreu Enforcado, e, chegando ao batel dos mal-aventurados, disse o Arrais, tanto que chegou:

DIABO

Venhais embora, enforcado!
Que diz lá Garcia Moniz?

ENFORCADO

Eu te direi que ele diz:
Que fui bem-aventurado
Em morrer dependurado
Como o tordo na buiz,
E diz que os feitos que eu fiz
Me fazem canonizado.

DIABO

Entra cá, governarás
atá as portas do Inferno.

ENFORCADO

Nom é essa a nau que eu governo.

DIABO

Mando-te eu que aqui irás.

ENFORCADO

Oh! nom praza a Barrabás!
Se Garcia Moniz diz
Que os que morrem como eu fiz
São livres de Satanás...
E disse que a Deus prouvera
Que fora ele o enforcado;
E que fosse Deus louvado
Que em bo'hora eu cá nacera;
E que o Senhor m'escolhera;
E por bem vi beleguins.
E com isto mil latins,
Mui lindos, feitos de cera.
E, no passo derradeiro,
Me disse nos meus ouvidos
Que o lugar dos escolhidos
Era a forca e o Limoeiro;
Nem guardião do moesteiro
Nom tinha tão santa gente
Como Afonso Valente
Que é agora carcereiro.

DIABO

Dava-te consolação
Isso, ou algum esforço?

ENFORCADO

Com o baraço no pescoço,
Mui mal presta a pregação...
E ele leva a devação
Que há-de tornar a jentar...
Mas quem há-de estar no ar

Avorrece-lhe o sermão.

DIABO

Entra, entra no batel,
Que ao Inferno hás-de ir!

ENFORCADO

O Moniz há-de mentir?
Disse-me que com São Miguel
Jentaria pão e mel
Tanto que fosse enforcado.
Ora, já passei meu fado,
E já feito é o burel.

Agora não sei que é isso:
Não me falou em ribeira,
Nem barqueiro, nem barqueira,
Senão - logo ò Paraíso.
Isto muito em seu siso.
E era santo o meu baraço...
Eu não sei que aqui faço:
Que é desta glória emprovisado?

DIABO

Falou-te no Purgatório?

ENFORCADO

Disse que era o Limoeiro,
E ora por ele o salteiro
E o pregão vitatório;
E que era mui notório
Que àqueles deciprinados
Eram horas dos finados
E missas de São Gregório.

DIABO

Quero-te desenganar:
Se o que disse tomaras,
Certo é que te salvaras.

Não o quiseste tomar...
- Alto! Todos a tirar,
Que está em seco o batel!
- Saí vós, Frei Babriel!
Ajudai ali a botar!

CENA FINAL

Vêm Quatro Cavaleiros cantando, os quais trazem cada um a Cruz de Cristo, pelo qual Senhor e acrecentamento de Sua santa fé católica morreram em poder dos mouros. Absoltos a culpa e pena per privilégio que os que assi morrem têm dos mistérios da Paixão d'Aquele por Quem padecem, outorgados por todos os Presidentes Sumos Pontífices da Madre Santa Igreja. E a cantiga que assi cantavam, quanto a palavra dela, é a seguinte:

CAVALEIROS

À barca, à barca segura,
Barca bem guarnecida,
À barca, à barca da vida!

Senhores que trabalhais
Pola vida transitória,
Memória, por Deus, memória
Deste temeroso cais!
À barca, à barca, mortais,
Barca bem guarnecida,
À barca, à barca da vida!

Vigiai-vos, pecadores,
Que, depois da sepultura,
Neste rio está a ventura
De prazeres ou dolores!
À barca, à barca, senhores,
Barca mui nobrecida,
À barca, à barca da vida!

E passando per diante da proa do batel dos danados assi cantando, com suas espadas e escudos, disse o Arrais da perdição desta maneira:

DIABO

Cavaleiros, vós passais
E nom perguntais onde ís?

1º CAVALEIRO

Vós, Satanás, que presumis?
Atentai com quem falais!

2º CAVALEIRO

Vós que nos demandais?
Siquer conhecê-nos bem:
Morremos nas Partes d'Além,
E não queirais saber mais.

DIABO

Entraí cá! Que cousa é essa?
Eu nom posso entender isto!

CAVALEIROS

Quem morre por Jesu Cristo
Não vai em tal barca como essa!

Tornaram a prosseguir, cantando, seu caminho direito à barca da Glória, e, tanto que chegam, diz o Anjo:

ANJO

Ó cavaleiros de Deus,
A vós estou esperando,
Que morrestes pelejando
Por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo mal,
Mártires da Santa Igreja,
Que quem morre em tal peleja

Merece paz eternal.
E assi embarcam.

FIM



<https://batepapolinguistico.com>